



Suely Elisângela Afonseca Monteiro

Contributo de Tomé Varela para a valorização e preservação da cultura cabo-verdiana



UNICV, 2010

Suely Elisângela Afonseca Monteiro

Contributo de Tomé Varela para a valorização e preservação da cultura
cabo-verdiana

Trabalho científico apresentado na UNCV, para obtenção do grau de licenciatura em Estudos Cabo-verdianos e Portugueses, sob a orientação do professor Doutor Arlindo Mendes.

UNI-CV, 2010

O Júri:

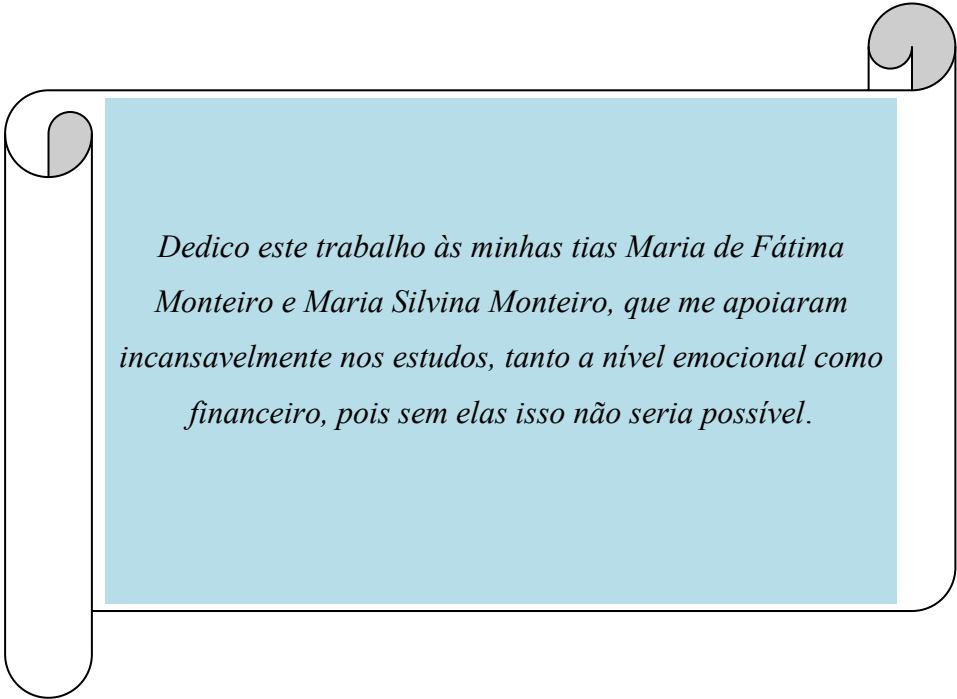
(Presidente)

(Arguente)

(Orientador)

UNICV, aos de de 2010

Dedicatória



Dedico este trabalho às minhas tias Maria de Fátima Monteiro e Maria Silvina Monteiro, que me apoiaram incansavelmente nos estudos, tanto a nível emocional como financeiro, pois sem elas isso não seria possível.

Agradecimentos

Queria manifestar o meu agradecimento a todos aqueles que de uma forma ou de outra contribuíram para a consecução deste trabalho:

- ❖ Ao meu orientador professor Doutor Arlindo Mendes pela colaboração, disponibilidade ao longo da realização deste trabalho;
- ❖ Aos meus familiares que me apoiaram sempre ao longo deste período;
- ❖ Ao meu avô Arsénio Cabral Monteiro pela boa educação que me deu;
- ❖ A todos os meus colegas do curso especialmente a Ângela Furtado, Glenda Cristina, Inês Landim que me deram sempre apoio;
- ❖ Ao escritor Tomé Varela, a aos entrevistados;
- ❖ Ao meu namorado que esteve sempre ao meu lado;
- ❖ Aos meus amigos Rui Silva e Jailson Monteiro.

Índice

Dedicatória

Agradecimento

Siglas

1 – Introdução	7
1.1 – Enquadramento e Justificação do Tema	7
2 - Vida e obra de Tomé Varela	11
3 - Conceitos teóricos	14
3.1. Tradições orais.....	14
3.2 - Finasons.....	16
3.3 - Cultura.....	17
3.4 - Língua	19
4 - Análise da obra “finasons di a Nasia Gomi”	21
4.1 - Conteúdo temático da obra “Finasons di Nha Nasia Gomi”	27
5 - Contributos das obras de Tomé Varela para a promoção da língua e cultura Cabo-verdianas	33
5.1 - A língua crioula na divulgação das tradições orais cabo-verdianas.....	38
5.2 - A problemática da oficialização do crioulo.....	42
Considerações finais	49
Bibliografia	52
ANEXOS	54

Siglas

ALUPEC - Alfabeto Unificado para a Escrita do Crioulo.

JAC – Juventude Agrária Católica.

MPD – Movimento para a Democracia.

PAICV – Partido Africano Para a Independência de Cabo Verde.

T.V. - Tomé Varela.

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

1 – Introdução

1.1 – Enquadramento e Justificação do Tema

No âmbito da necessidade de se dar cumprimento às exigências estabelecidas pela universidade de Cabo Verde, propõe-se a realização de um trabalho monográfico, como pré-requisito para os estudantes finalistas poderem obter o grau de licenciatura em Estudos Cabo-verdianos e Portugueses, ministrado durante o ano lectivo 2004-2010.

O desenvolvimento desta matéria, para além de constituir um imperativo da formalidade curricular a cumprir no último ano de formação, tem subjacente o objectivo de iniciação à pesquisa e ao apuramento dos conhecimentos teóricos já construídos ao longo do percurso académico

A nossa opção temática recai sobre o “Contributo de Tomé Varela para a valorização e preservação da Cultura Cabo-verdiana”. Pretende-se igualmente, chamar a atenção para a importância dos trabalhos valiosos de investigação que Tomé Varela desenvolveu nos últimos vinte e cinco anos em prol da preservação e promoção do património cultural cabo-verdiano.

A escolha do tema deve-se, por um lado, ao interesse e curiosidade despertada pela cadeira de Cultura Cabo-verdiana, por outro lado, por entender que Tomé Varela tem vindo a contribuir de uma forma empenhada e séria para a promoção da nossa cultura, principalmente no que diz respeito à nossa língua materna e às nossas tradições orais, pois não existe língua sem cultura nem cultura sem língua.

O língua crioula, a culinária, as crenças, os mitos, as superstições e a música são aspectos indispensáveis à produção e reprodução da Cultura Cabo-verdiana. São referências imprescindíveis usadas como caracteres significativos da especificidade, da identidade culturais do arquipélago.

No decorrer de um semestre de formação, tivemos o contacto com a disciplina “Cultura Cabo-verdiana” nos seus vários aspectos, mas ficou a sensação de que seria necessário um aprofundamento, para se compreender a vertente cultural e a identidade cultural.

A língua cabo-verdiana é uma das especificidades do povo cabo-verdiano, por ser apreendida e utilizada desde tenra idade e constitui os mecanismos mais forte dos aspectos da sua cultura, como fonte primordial da identidade cultura cabo-verdiana.

A cultura em Cabo Verde tem vindo a despertar muito a curiosidade de pesquisadores, no sentido de quererem entender mais a fundo a nossa cultura. É claro, nós não podíamos ficar de fora da preocupação em compreender a sua importância e enaltecer os trabalhos feitos por pessoas competentes e credíveis que possam, de facto indicar pistas para a valorização e preservação daquilo que é nosso património maior. Aliado a esses factores, estão a vontade de conhecer os trabalhos que Tomé Varela tem feito, e o contributo que tem vindo a dar para a divulgação e preservação da nossa identidade como povo.

O trabalho tem como objectivo geral compreender os valiosos contributos que Tomé deu em prol da valorização e preservação da cultura Cabo-verdiana; e como objectivos específicos as seguintes: Analisar os diversos contributos que Tomé Varela tem dado para a valorização da nossa cultura e língua; Entender o alcance dos contributos deste autor e inventariar as diversas temáticas investigadas pelo mesmo; Despertar o interesse para os estudos da tradição cultural a partir das recolhas feitas por ele.

A partir desses objectivos surge as seguintes perguntas de partida: Quem é Tomé Varela? Quais os trabalhos que tem feito na recolha das tradições orais? Qual é a importância das suas obras no contexto cultura do povo cabo-verdiano?

Ora, Tomé Varela é um dos investigadores mais fecundos da temática cabo-verdiana, nos últimos 30 anos. Além do mais, ele vai sempre fontes à procura de objectos de estudo, nesta óptica é um homem de terreno. De facto, não se trata de um investigador que se limita a reproduzir o que os outros dizem. Pois nunca se sente

satisfeito com as fontes da segunda mão. Por isso, consideramos que os seus trabalhos são genuínos, autênticos, originais e devem ser conhecidos, estudados, apreciados e divulgados.

Para a materialização dos objectivos preconizados foi adoptada a seguinte metodologia: pesquisas bibliográficas e na internet; de seguida faz-se a realização de alguns encontros, com o autor Tomé Varela, para a realização de uma entrevista; Efectuar-se-ão as leituras de algumas das suas obras a fim de compreender melhor os contributos dados pelo mesmo através das recolhas que faz, e ao mesmo tempo conhecer a sua vida e obra.

Depois, serão elaborados o guia e o lançamento de entrevistas junto de três personalidades do mundo da cultura, relativamente ao investigador, enquanto figura de cultura, com provas já dadas. Por fim, procuraremos analisar uma das suas obras que é *Finasons di nha Nasia Gomi*, mas também debruçar-nos-emos sobre as outras obras para mostrar os seus contributos para a promoção da língua e cultura cabo-verdianas.

No que diz respeito à estrutura do trabalho, em primeiro lugar iremos trabalhar a vida e obra de Tomé Varela, de seguida faremos um levantamento de alguns conceitos como cultura, línguas, “Finason”, e tradições orais; posteriormente será feita uma análise da obra “Finasons di Nha Nasia Gomi”; em seguida trabalharemos os contributos das obras de Tomé Varela para a promoção da língua e cultura cabo-verdianas, dentro desse capítulo trabalharemos a língua crioula na divulgação das tradições orais cabo-verdianas e a problemática da oficialização do crioulo; por fim serão tiradas conclusões do trabalho e as respectivas bibliografias.

A elaboração deste trabalho não tem sido fácil, uma vez que se trata de abordagem de uma pessoa ainda viva, de um sujeito activo que pode até influenciar a nossa perspectiva de análise. Estamos conscientes dos riscos e desafios que a abordagem desta temática apresentam, mas entendemos que é necessário fazer uma pesquisa dos trabalhos feitos por este autor consagrando o mundo das tradições orais e da língua cabo-verdianas. Ele apresenta-se, de certa forma, como sujeito e objecto da

nossa pesquisa. Mesmo assim, procuramos ser objectivos, analisando o nosso tema tal como o concebemos.

2 - Vida e obra de Tomé Varela

Tomé Varela da Silva é natural de São Lourenço dos Órgãos, ilha de Santiago, Cabo Verde. Nasceu no dia 19 de Dezembro de 1950, na localidade de Bom-pó, é filho de Eduardo da Silva e de Joana Varela. É mais conhecido por Tomé Varela e nos seus escritos assina T.V. da Silva. Viveu no meio rural por cerca de duas décadas, onde fez um curso profissionalizante ligado às actividades agro-pecuárias durante três anos, na escola de capataz agrícola em São Jorge dos Órgãos. Era bastante religioso, pois nasceu no seio de uma família católica convicta, e assimilou muito bem a educação paterna.

Trata-se de uma pessoa muito activa. Ele desempenhou, na sua localidade, diversas tarefas importantes. Na sua freguesia foi responsável por crianças quando criança e por jovens quando jovem. Foi presidente de uma associação juvenil de carácter religioso denominado de JAC (Juventude Agrária Católica), na sua localidade.

Aos dezanove anos veio para a cidade da Praia onde iniciou o primeiro ano do ciclo preparatório. Já no seu segundo ano do estudo descobriu a vocação para a vida religiosa, pois, sentiu que Deus estava a chamá-lo para uma missão especial, junto de outrem. Começou a estudar o 1º e o 2º ano na Praia como seminarista pertencente a Congregação do Espírito Santo sedeadada no antigo Bar Benfica, situada na rua Tene nte Valentim (Madragoa). Em 1973 ou seja, nos últimos anos do estudo secundário teve que se deslocar a Portugal a fim de prosseguir os estudos com vista a ser padre.

Tomé Varela foi um aluno bastante aplicado. Ele levava e leva aquilo que faz muito a sério. Muito sensível, sincero, por vezes, demasiado directo no que diz respeito a sua convicção. É um homem que fica indisposto se não conseguir dizer aquilo que pensa, no momento oportuno. Ele gosta de solidão. Aliás, a solidão é a sua grande companheira. É na sequência de diálogos e confidências com a solidão que ele consegue arrancar as suas inspirações mais profundas e segredos mais recônditos.

Depois de ter abandonado o seminário, Tomé Varela teve que concluir os estudos de filosofia à custa de muito sacrifício, trabalhando como mineiro nas minas da Panasqueira em Portugal. Apesar deste enorme sacrifício, Tomé Varela conseguiu uma sólida formação (em filosofia em Março de 1981) na sua área tendo sido graduado com boas classificações finais na faculdade de filosofia de Braga da Universidade Católica Portuguesa

Após a sua chegada a Cabo Verde casou-se, mas não teve muita duração. Deste casamento efémero¹, resultaram dois filhos Abomí Pereira da Silva e Jorge B. Pereira da Silva. É funcionário público de Cabo Verde desde Outubro de 1981, sendo actualmente técnico superior principal do Instituto de Investigação e Património Cultural. Vive na cidade da Praia, mais concretamente, no bairro de Terra Branca.

Enquanto funcionário público chegou a ser Presidente do Instituto Cabo-verdiano do Livro e do Disco (Dezembro de 1990 a Novembro de 1993). Foi conselheiro do Senhor Presidente da República de Cabo Verde Dr. António Mascarenhas Monteiro (Janeiro-Julho de 1994), e chefe da Casa Civil da presidência da República (de Agosto de 1994 a Março de 2001).

Enquanto cidadão, foi deputado do PAICV, pelo círculo eleitoral de São Lourenço dos Órgãos, Santiago Maior de 1986-1990. Foi sócio fundador da Associação de Escritores Cabo-verdianos onde exerceu o cargo de director por três mandatos consecutivos; é um dos membros fundadores da Fundação Criança Cabo-verdiana e também membro fundador da Fundação Esperança.

Tomé Varela é um intelectual muito produtivo, uma vez que colaborou em alguns jornais e revista tanto dentro como fora do país, e publicou várias obras tais como:

- *Finasons di nha Nasia Gomi* (Tradições orais), 1985 foi a sua primeira obra; *Literatura oral y identidádi kultural*, 1985; - *Kumunhon d'Africa*, 1986; - *Na boka noti vol. I,II,III* (Tradições orais), 1987; - *Kardisantus*, poesia, 1987; - *Natal y Kontus* (ficção), 1988; - *Escada de luz* (poesia), 1989; - *Nha Gida Mendi: simenti di onti na*

¹ Teve um casamento que não durou muito.

txon di manhan, Tradicoes orais, 1990; - *Tenpu di tenpu* (Tradições orais), 1992; - *Na altar di nha petu* (poesia), 1997; - *Konparason di konbérsu* (Tradições orais), 1997; - *Nha Bibinha Kabral: bida y obra*, 1998; - *Forsa di amor*, 1999; - *Na kaminhu*, 2000; - *Antologia de ficção Cabo-verdiana, vol. III*, 2002; - *(Kon) Tributu (pa libertason y dizanvolvimentu*, 2005;

Entre as várias obras do autor, escolhemos a obra *Finasons di Nha Nasia Gomi*, acerca da qual propomos analisar, para tentar compreender o seu alcance e mostrar o contributo que ela terá dado para a promoção da tradição oral e para a valorização da cultura cabo-verdiana. E para podermos compreender de melhor forma o cabo-verdiano na sua vontade mais significativa.

3 - Conceitos teóricos

Para a realização deste trabalho, consideramos necessário abordar alguns conceitos que são pertinentes para a compreensão do mesmo: tais como: cultura, língua, tradições orais e *finasons*, pois esses conceitos serão utilizados ao longo deste trabalho.

3.1. Tradições orais

Segundo Ki-Zerbo, (1982:158), a tradição oral pode ser definida como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para a outra. Mas reconhece que devido à complexidade da tradição oral, não é fácil encontrar uma definição que dê conta de todos os seus aspectos.

Para este historiador, as tradições orais são obras literárias e deviam ser estudadas como tal, assim como é necessário criar o meio social que as cria e transmite a visão do mundo que sustenta o conteúdo de qualquer expressão de uma dada cultura. Ainda afirma que a tradição oral aparece como o repositório e o vector do capital de criações sócio-culturais acumuladas pelos povos ditos sem escrita.

Na perspectiva de Tomé Varela (2005:95) a tradição oral é a parte da cultura que é transmitida de boca em boca, através de gerações e que sendo fruto de inter-relacionamento sócio-individual num determinado contexto histórico-geográfico de uma dada comunidade, dita e/ou influencia comportamentos da mesma comunidade e seus elementos, dando-lhes (à comunidade) coesão e abrindo-lhe perspectiva de desenvolvimento solidário.

A tradição oral é um veículo transmissor de cultura, por ventura dos mais, senão o mais importante (depois da língua) por razões óbvias, transmitindo-nos a cultura dos nossos antepassados, faz-nos seus continuadores, pelo papel que desempenha nos nossos comportamentos sócio-individuais e na nossa cosmovisão, faz de nós uma ponte entre o passado vivido e o futuro a construir, ao mesmo tempo que nos previne da nossa abertura ao outro.

Tomé Varela (Op. Cit. P. 95) fala do lugar que a tradição oral ocupa no seio da nossa sociedade. Atribui-lhe um lugar de destaque pela sua riqueza enquanto meio de informação, de educação e de integração do cabo-verdiano no seu meio sócio-cultural, e ao mesmo tempo lhe proporciona uma cosmovisão própria. A tradição oral tem um papel importante na nossa sociedade, por ser rica em informações do nosso quotidiano das nossas vivências, história e cultura.

Segundo o mesmo autor as tradições orais referem-se de modo geral, apenas a usos e costumes que, no decurso dos tempos vêm sendo transmitidos oralmente, por repetição, de geração em geração. Ainda ressalta que as tradições orais de um povo são dos primeiros indicadores da sua identidade própria, da sua cultura. Constitui uma importante base da cultura nacional. Sendo as tradições orais um instrumento que faz com que um povo seja identificado, é de grande importância que se preserve essa tradição de modo a não passar despercebido e nem ser esquecido pelas gerações vindouras.

A importância e o alcance das tradições orais não foram contudo, devidamente entendidos e equacionados, quer pela maioria dos intelectuais cabo-verdianos, quer pelo poder instituído, o que se depreende da atenção pouco dedicada e pouco clarividente que se lhes têm dado, antes e após a independência.

Segundo Tomé Varela (1998:102) “No continente africano elas são consideradas como uma das importantes fontes históricas, tendo em conta o elevado grau de analfabetismo e a generalização de sociedades e culturas agrafas, pelo menos até bem recentemente”.

Ainda realça que “*não há dúvida de que a salvaguarda que delas se vem fazendo, será um importante contributo aos estudos que nas diversas ciências se procederão ao seu tempo e que certamente serão de grande valor para o aprofundamento do conhecimento das realidades nacionais*”.

Para ele o acervo actualmente existente no departamento das tradições orais conterà matéria-prima para mais de vinte e cinco livros de divulgação, com mais de 300

páginas cada, apesar de muitas dificuldades de várias ordens que o departamento tem vindo a enfrentar desde a sua criação.

De acordo com os conceitos acima mencionados pode-se constatar que a tradição oral é uma fonte de conhecimento, de sabedoria, de ensinamentos e ela espelha a nossa vida, o nosso quotidiano, os nossos anseios as nossas dúvidas, as nossas crenças, as nossas vivências e convivências. Tomemos como exemplo, a obra “Na boka noti”, que traz as histórias da nossa sociedade, a nossa forma de pensar, de agir e de sentir. Então é este sentimento que as tradições orais espelham em nós.

3.2 - Finasons

“Finasons” é uma das partes que constituem a tradição oral, tem um papel importante, pois, é um conjunto de reflexões sobre a vivência da sociedade. São ensinamentos, sabedorias populares, e quem passa essa mensagem é uma entidade muito sábia pois tem a preocupação de fazer passar as mensagens que reflectem as preocupações do dia-a-dia das pessoas, do meio rural santiaguense, os seus dramas, as suas fantasias, as suas aventuras, as suas canseiras, os seus desafios.

Segundo Lopes Filho (2003:271) “Finason” é uma forma cultivada na ilha de Santiago, é uma reflexão elaborada, verbal e espontaneamente e tem o apoio da entoação de voz, em melopeias puras. Para o referido autor o que marca “finason” é o seu carácter reflexivo, discursivo e sentencial, sob a marca da espontaneidade, atingindo profundidades de elaboração em conteúdos e em formas incisivas e lapidares, de sabedorias populares, de filosofia de vida, reflexões e sapiências. “Finason” não aparece separada dos movimentos corporais. O corpo é o suporte mais importante na materialização deste ritual melódico.

Na linha de ideia do autor supra referido *“finasons enquanto cultura e enquanto espectáculo era feito espontaneamente nos terreiros, onde as pessoas se reuniam para fazer os seus convívios e rituais. Mas todo e qualquer papel cultural tem o seu contexto social e o contexto social de “finasons” é o convívio da comunidade. Ainda realça que finason é um elemento da cultura cabo-verdiana muito importante representativo.”*

(Entrevista do dia 12 de Setembro)

Para Manuel Brito Semedo (2006:76) a palavra “finason” terá a sua origem na palavra portuguesa, afinação, com significado de canto afinado. E cita Margarida Brito (1988) que define “finason” como sendo uma melopeia que consiste num encadeamento de provérbios ou assuntos do quotidiano. Declamados, com inflexões vocais, no ritmo do batuque, quase sempre improvisados no momento e normalmente cantado por uma mulher.

Na perspectiva de Baltazar Lopes (1948:37) “finason” é caracterizado pela expressão de regras morais, de normas de comportamentos e de conceitos elaborados pela experiência e tem um certo carácter de romanceiro, embora sem regularidade métrica.²

3.3 - Cultura

Desde a antiguidade, foram comuns as tentativas de explicar as diferenças de comportamentos entre os homens, a partir das variações dos ambientes físicos. Os estudiosos concluíram que as diferenças de comportamentos entre os homens não poderiam ser explicadas através das diversidades. O comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado chamado de endoculturação.

Segundo Edward Burnett Tylor (1974:1) a cultura é um complexo que inclui conhecimento, crenças, arte, moral, leis, costumes e outras aptidões e hábitos que os homens vão adquirindo como membros da sociedade. Portanto tudo o que cerca o homem faz parte da sua cultura, todas as suas actividades e manifestações como a música, o teatro, os rituais religiosos, a língua falada e escrita, os mitos, os hábitos alimentares, as danças, a arquitectura, os pensamentos e as formas de organização social.

Segundo Varela (2005:279) “a cultura é um conjunto de experiências, vivências, sabedorias e cosmovisão, formado pela maneira de ser, de estar, de pensar, de fazer, de

² DA SILVA, Baltazar Lopes, “Finaçom” *Claridade – Revista de arte e letras*, N 6, São Vicente, Julho de 1948;

ver, de sentir, de dizer, de conservar e de progredir, que é criado por uma determinada comunidade humana e que distingue aquela comunidade de outra”.

Na perspectiva de Carlos Delgado (2008: 32) a “cultura consiste num conjunto de características próprias de uma determinada sociedade. Ela está directamente contida em cada sistema linguístico, isto do ponto de vista social. A cultura também se define pela língua. Aliás a língua é um meio de afirmação cultural importante em qualquer sociedade. Deste modo, a língua é um factor identitário de um determinado povo porque sem ela não existe a cultura e vice-versa”.

No entender de João Lopes Filho (2003:16) a cultura é o resultado de complexos e padrões comportamentais como costumes, usos, tradições, hábitos e de um conjunto de mecanismos de controlo como planos, regras, instituições, que orientam o homem e dos quais este depende para ordenar a sua conduta.

Constata-se que apesar da dificuldade que os antropólogos enfrentam para definir a cultura, não se discute a sua realidade. A cultura desenvolveu-se a partir da possibilidade da comunicação oral e a capacidade de fabricação de instrumentos capazes de tornar mais eficiente o seu aparato biológico. Isto significa afirmar que tudo o que o homem faz, aprendeu com os seus semelhantes, não decorre de imposições originadas fora da cultura.

A comunicação oral torna-se um processo vital da cultura, a linguagem é um produto da cultura, mas ao mesmo tempo não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de comunicar com os outros.

Podemos constatar que um conjunto de conhecimentos, crenças, hábitos, costumes, de uma determinada sociedade, que vão sendo adquiridos pelos homens ao longo dos tempos no seu meio social, são designados de cultura.

3.4 - Língua

O conceito de língua perpassa diferentes abordagens teóricas, sem ser consensual, mesmo entre a gramática tradicional e as teorias que a seguem encontramos distintas e até mesmo contraditórias versões sobre a noção de língua.

Segundo Saussure (1995:34) “a língua é uma parte essencial da linguagem humana. É ao mesmo tempo um produto social de faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adoptadas pelo corpo social para permitir aos indivíduos o exercício desta faculdade”.

Para o referido autor “a língua deve ser entendida como um sistema de sons associados a um sistema de conceitos. Ela ocupa o primeiro lugar entre os factos da linguagem. É adquirida e convencional. Apresenta-se como um objecto bem definido no conjunto ecliráclito de linguagem. É possível localizá-lo e circunscrevê-lo num determinado momento”.

Na perspectiva de Martinet (1970:22) a língua é um instrumento de comunicação segundo o qual, de modo variável de comunicação para a comunidade, se analisa a experiência humana em unidades providas de conteúdos semânticos e de expressão fónica os monemas.

É de realçar que língua e a cultura estão intimamente ligadas, para que haja uma determinada cultura há que haver uma língua como suporte desta mesma cultura. Para conhecer a cultura de um determinado povo é preciso antes conhecer a sua língua. Por isso torna-se necessário dar a conhecer o valor da língua como factor de identidade cultural de qualquer sociedade.

Segundo Carlos Delgado (2008:39) do ponto de vista social, a língua constitui um acervo linguístico colectivo. É que quem faz a língua são os falantes dessa mesma língua. Pois quando os falantes usam a língua estão a dinamizá-la e a fazer com que ela evolua.

Na perspectiva de Manuel Veiga (2002:27), a língua é um elemento que forma a tradição, mas também é formado por esta mesma tradição. Afirmar ainda que tradição foi o refúgio essencial do crioulo de Cabo Verde nos tempos de triste memória em que era atacado e objecto dos mais diversos anátemas.

Manuel Ferreira (1985:72) mostra a importância da língua como factor de identidade, quando afirma que se por hipótese, o crioulo fosse destruído o homem cabo-verdiano equivaleria a uma corte de consequências gravosas. Com efeito o homem é identificado pela sua cultura e língua, é através da língua que o homem é enquadrado na sua sociedade. Por exemplo se formos pelos países afora veremos que a tendência de qualquer cabo-verdiano quando se encontram, é utilizar o crioulo, mesmo que estes estejam habituados a utilizar outras línguas.

4 - Análise da obra “finasons di a Nasia Gomi”

Com este capítulo, pretendemos fazer uma análise da obra “*Finasons di Nha Nasia Gomi*” ilustrar o seu valor cultural e a sua importância. Ao analisar a obra em questão tomaremos exemplos de algumas “finasons” para realçar o conteúdo abordado na temática. Antes de analisarmos a obra falaremos um pouco da figura de Maria Inácia Gomes (Nha Násia Gomi), pois sem ela não haveria o registo dessas “Finasons”.

Retrato de Maria Inácia Gomes



Fonte: <http://tabanka.no/batuku.htm>

Segunda Tomé Varela (2008:52), Nha Nasia Gomi ou Maria Inácia Gomes Correia nasceu em Ribeira de Principal, na localidade de Mato Dentro, Concelho de São Miguel, em 18 de Julho 1925. É uma mulher simples do povo, oriunda do seio de uma família católica. Não frequentou a escola. Ela é mais conhecida como “batucadeira” e em específico como “finadeira” (aquela que canta finason).

É uma trovadora popular de um alcance lírico, de grande talento, conhecido e representado por todos os cabo-verdianos dentro e fora do país. Consegue traduzir em “finason”, todo o sentimento de um povo (santiaguense), de forma clara, espontânea, improvisada, ajustada e profunda. Tem uma capacidade de improvisação fora do comum, e muitas das suas expressões surgem de acordo com o contexto e as circunstâncias. Tomemos como exemplo uma das suas finasons intitulado “Tomé Barela: karakterizason y disezu di proteson” esta finason foi improvisada no momento

em que Tomé Varela estava a fazer as recolhas das *finasons*, isto é para comprovar a sua capacidade de improvisação.

Tomé Barela: karakterizason y disezu di proteson

A Tomé Barela
bu sta sima planta benenóza:
anti planta já pega
anti pega já pari;
paña konku, fîju kai!
Bu panha formós bu poi di dianti,
bu panha raskon, bu poi di trás,
bu ta po di pé, bo e sónbra mudjer...
bu ka tem modi ka fase genti!..
A nha fîju matchu
Nha virja María ta kunpanha-bu
Anju di bu guarda ta guarda-bu
*Tudu bu santu ta da-nu grasa!*³

A obra cultural de Maria Inácia Gomes é “finason” que tem vindo a partilhar com o povo cabo-verdiano, tanto dentro como fora do país. Todos os actos sociais são centrais nas cantigas de Maria Inácia Gomes. O alcance de suas mensagens revestem-se de uma grande importância, na medida em que se aproveita das suas *finasons* para mandar recados, criticar, desabafar, pedir desculpas, deixar piadas, dar sugestões, incitar desaforos, formar opinião, educar e formar jovens. Podemos constatar estes aspectos acima mencionados na seguinte “finason”

Rakumendason

Jobi li, a Tomé... a Tomé
Nha fîj maço, e gravador
ki já N da rekadu pa da!

³ SILVA, Tomé Varela, *Finasons di Na Nasia Gomi*, tradições orais, Praia, Instituto cabo-verdiano do livro, 1985, p.48.

*Tudumodi, si es aêa sta Dimas
mi Nasia Gomi, es ka teni nada fasi ku el!
Pabía e mi ki já fla:
Já N xinti nha nisisidadi!
Porkazu es fika sabendo
ma kauberdianu ka tene nada,
por kazu senhor Déus ka da-nu kumida
ma nos kumida sta pa konta stadu.
Ma si es ka jobi na nos, nu passa mal,
Pamodi bóita mau, rezan ka fajadu!⁴*

Abordando temas que vão do elaborado à transposição, o batuque consigna sobretudo vivências rurais, sociais e de importância nacional. A música do batuque, fora escassos exemplos, está bem próxima de melopeias africanas “bantus”, e pontuadas por elas, achando-se por vezes nitidamente apenas ao serviço do pensamento e em função dela, garantindo-lhe o suporte direccional, sem portanto um casamento total entre letra e música.

A obra “finasons di a Nasia Gomi” é das primeiras obras do escritor Tomé Varela, foi publicado em 1985 com o objectivo, segundo o autor de recolher e manter escrito algumas das “finasons” por ela cantadas, ou melhor dizendo clamadas.

A obra encontra-se dividida em três partes, na primeira parte o autor faz uma análise sobre o alfabeto que utilizou para escrever o livro. Na segunda parte e terceira parte da obra encontramos um conjunto de “finasons. Tendo em conta que as músicas de Maria Inácia Gomes não possuem um título que as identifiquem, o autor Tomé Varela nas suas análises feitas às letras das músicas de Maria Inácia Gomes tomou, a liberdade de atribuir um título musical a cada uma das “finasons”.

A obra “Finasons di Nha Násia Gomes”, foi escrito no quadro das comemorações do décimo aniversário da independência de Cabo Verde, com o

⁴ Op. Cit. P.45.

objectivo de saudar e comemorar a data tendo em conta a pertinência e o significado que ela se reveste para os cidadãos cabo-verdianos.

A origem deste livro, segundo Tomé Varela, deve-se a duas situações, a primeira foi a necessidade que o Ministério da Educação e Cultura sentiu de publicar um livro de carácter cultural, a segunda, é que este documento de tradição oral já estava recolhido transcrito e arquivado.

Segundo Tomé Varela este livro foi escrito em língua crioula, porque é a nossa língua materna e consequentemente é nesta língua que nós transmitimos a nossa cultura, e aquela que os mais velhos e mais pequenos melhor entendem e transmitem as nossas tradições orais.

A variante escolhida, pelo autor para escrever a obra foi da ilha de Santiago, tendo em conta que as músicas analisadas são da autoria de Maria Inácia Gomes que é natural da ilha de Santiago. O objectivo da publicação do livro é a divulgação dos documentos de tradição oral, que servirá de documento para os estudiosos da língua e cultura cabo-verdianas.

Escrever na língua cabo-verdiana (crioulo) é uma forma de dar mais atenção à cultura cabo-verdiana e de valorizar a própria língua em si. A pretensão de Tomé Varela, é fazer com que as mensagens cheguem a todos os cabo-verdianos. Quando expressamos na língua crioula a possibilidade de nos entendermos é maior do que quando falamos na língua portuguesa, isto porque uma boa parte da população cabo-verdiana por falta de estudo não tem um conhecimento aprofundado da língua portuguesa, por isso utilizam a língua crioula como língua de comunicação e do dia-a-dia.

Sobre o dialecto Tomé Varela diz “Com certeza, o alfabeto que nós utilizamos neste livro ainda não é muito familiar para muitos concidadãos, e o apreço que todos os nossos possíveis leitores nos inspira, antecipadamente convenceram-nos e, consequentemente exigiu-nos um esclarecimento, ainda que bastante ligeiro, mas, suficientemente claro sobre este alfabeto que foi proposto no colóquio linguístico sobre

a nossa língua materna, organizado pela direcção geral da cultura, financiado pela UNESCO, no ano de 1979 na cidade do Mindelo ilha de São Vicente.”⁵

Ainda destaca que:

*“Para cumprirmos esta obrigação começamos por prevenir que este alfabeto, por um lado aparenta ser bastante fácil se descontarmos o nosso hábito do alfabeto português, e por outro lado é muito mais económico e funcional na escrita do que o alfabeto português. É que o alfabeto proposto no colóquio de Mindelo é fonético-fonológico, isto quer dizer: para cada letra há um som e para cada som há uma letra.”*⁶

Tomemos exemplo de umas das *finasons* para podermos ver o alfabeto utilizado e também a temática.

Un konsejo

A fijo maço

N tem un fabor pa N pidi-bu:

Kelóki bu oja alguen la

Ka bu fla m e alguen:

Dentu di alguen ki mora alguen!

Pabia di k' e?

Un ben pa bira mal

e mas faši

*ki un mal pa bira bem!*⁷

Como o próprio título da “finason” acima transcrita, diz trata-se de um conselho que Nha Násia Gomi dá aos filhos. Como sabemos finason retrata a nossa vivência, o nosso quotidiano, o dia-a-dia das pessoas humildes que habitam no campo. Aconselha o filho a não confiar nas pessoas porque as aparências enganam. Uma pessoa pode

⁶ Op. Cit. p.5.

⁷ Op. Cit. p. 31.

aparentar ser boa e no fundo é má pessoa, é nesse sentido que nos chama atenção a não confiarmos nas pessoas. Esta *finason* no fim deixa-nos uma mensagem clara e importante que é mais fácil uma pessoa boa tornar-se má do que uma pessoa má tornar-se boa. Este facto é ainda pertinente na nossa sociedade.

Finason é um género musical que faz parte do batuque, esta forma de cantar existe somente na ilha de Santiago e é cantada, clamada nos momentos de festas como o casamento, o baptizado, no convívio entre amigos. Estas canções são clamadas na maioria das vezes por mulheres, mas também há homens que cantam este tipo de música como por exemplo Ntoni Denti d' oro.

Quando as mulheres se reúnem em grupo para cantarem “Finasons” são gratificadas pelos homens como forma de incentivá-las a dançar mais e a cantar com mais vontade. *Finasons* é um género musical que atrai pessoas pela forma como são clamadas e pelas mensagens que trazem, pois são melodias de conteúdos tanto de carácter lúdico como os mais sérios como conselhos, avisos, chamadas de atenção, apelos.

4.1 - Conteúdo temático da obra “Finasons di Nha Nasia Gomi”

A obra em questão engloba um conteúdo rico, tanto de carácter social como filosófico, cultural, familiar, amoroso, religioso e económico. Sendo “Finasons” algo que é cantado, clamado ou recitado, abarca uma reflexão sobre a vida da sociedade. Os ensinamentos, não podiam ficar de fora, pois trata de diversos temas que compreendem o quotidiano da nossa sociedade, os quais passamos a enumerar e mostrar como são abordados. É de realçar que os títulos de “finasons” foram atribuídos por Tomé Varela, de acordo com o conteúdo.

Conteúdos de carácter social: Princípios da pedagogia social; Relação social, conselho; Subjectivismo na escola; Situação social e a sua consciência; Nhonho Branku Ruberu: divisão posição social; Nha Nasia Gomi relação social; Uso de bens materiais e relação social; Nha Nasia Gomi situação social; Necessidades e princípios sociais; Pedagogia social; Religiosidade e ética social; Um conselho; Máximas; Problema de mulher que fala muito; Relativismo; Luta contra a situação; Denuncia (queixa); Validade de bens materiais; Nha Nasia Gomi identidade; Homem e mulher igualdade; Nha Nasia Gomi desilusão; Confirmação de verdades testemunhas; Nha Nasia Gomi personalidades; Nha Nasia Gomi situação existencial; Mudança de clima, mudança das pessoas e da natureza; Nha Nasia Gomi auto afirmação; Tempo de antigamente; Apoio e recomendação para o governo; Recomendação; Situação angustiante, problema das queixas; Apoio e pedido para o governo; Nha Nasia Gomi necessidade de família problema das queixas; Nha Nasia Gomi personalidade; Tomé Varela caracterização e desejo de protecção; Nha Nasia Gomi posição existencial; Finalização de finason;

Dentro dos conteúdos de carácter social, familiar, amoroso e religioso, escolheremos algumas “finasons” para explicar o social e o drama que encerra este mesmo social, o religioso, o amoroso e o familiar.

Prinsipis di pedagogía social

Fika sabendu y nos tudu

Ma mundu ka di nos...

Ma algun dia

nu tem kónta pa nu da!
Ma sima disisu sta papel
si ki verdadi sta na tinteru!
Ma bala bubunéta na bóka d arma...
Ma dibagar k e ngana mijo nobu...
*Ma bianda sabi nos tudu nu kre*⁸

O social na obra “Finasons di Nha Násia Gomi” é abordado de forma clara retratando tudo o que nos rodeia, os nossos hábitos, os nossos costumes, as nossas tradições e principalmente os assuntos que tanto naquela época como agora são pertinentes. Nas “finasons” de carácter social encontramos ainda apelos, conselhos desabafos, por exemplo numa “finason” cujo título é “relação social, conselho” faz um alerta ou melhor dizendo pede um favor e ao mesmo tempo aconselhando para não acordarmos uma pessoa quando estiver a dormir e nem tentar impedir que ela deixe de fazer o que quer, pois se algo de mal acontecer seremos nós os culpados. Este facto é actualmente constatado na nossa sociedade.

Conteúdos de carácter religioso: Religiosidade; Gratidão, saudosismo;

Riliozidadi

AnZ u di nos guarda ta guarda-nu
Santu di nhos nómi ta juda-nu,
Nha VirZ a Maria ta kunpanha-nu,
tutu santu ta danu grasa!...
nhos nu pidi San Simon d' Auda,
ku Nos' Sinóra da Grasa
ku Nos' Sinóra da Luz
ku Nos' Sinóra Sokoru,
ku Nhu Salvador di Mundu...
bida, bida Nu San Tiagu Maiór!
Nhos nu pidi Sinhor Deus pa purdua-nu
*Pa libra-nu bóka pekador*⁹

⁸ Op. Cit. p. 32.

Sendo Maria Inácia Gomes (Nha Nasia Gomi) uma mulher religiosa, não podia deixar de fora nas suas “finasons” conteúdos que abarcam a religião. Nas “finasons” de carácter religioso faz sempre apelo aos santos, aos anjos, à Virgem Maria, a Deus, a Jesus, para nos perdoar, para nos ajudar a não cair no mal. As suas “finasons” mostram muita fé naquilo que pede, e também muita devoção aos santos. A religiosidade é um tema muito forte tratado em “finasons” de Maria Inácia Gomes. Através das suas mensagens, ela utiliza o princípio da moral religiosa para mostrar a sua exaltação católica.

Conteúdos de carácter amoroso, sentimental e relacional: Rapazes de “mozinha Barela” de nome e manifestação de amizade; Interesse pelo outro; Amor não tem fronteira; Nha Nasia Gomi saudosismo; Nha Nasia Gomi situação existencial e saudosismo; Relação sujeito outro; Nha Nasia Gomi situação amorosa; Nha Nasia Gomi ilusão da mocidade;

Amor ka tem frontera

Purgunta-m kel li e pamodi

N ta konta' u modi ki bai!

E pabía di k' e?

Amor ka branku

amar ka pretu,

amor ka riku

amor ka próbi

amor ka ngles,

ka portgues,

amor ka raskom

ka bonitu:

amor e ken

ki sangi ja kontra!

(Sinor Déus, nu purdua-nu)¹⁰

⁹ Op. Cit. p. 31.

¹⁰ Op. Cit p. 34.

No que diz respeito ao amor mostra uma certa sabedoria, pois sabe muito bem o significado do mesmo, retrata-o com muita clareza, mostra os contrastes do amor. Amor e amizade são temas recorrentes nas recitações de Nha Násia Gomi

Conteúdos de carácter familiar (amizade): Dignidade e problema dos filhos (mulher e homem); Conselhos para aqueles que têm filha; Diálogo de Nha Nasia Gomi com Nhonho Branku Ruberu; Homem e mulher complementaridade; Crianças de agora;

Dignidadi y problema di fijo maço y fijo fémia

*Mas tanbe
ken ki tem fijo maço
tem nhu rei
kel ki tem fijo fémia
tem rainha!
Kel alguen ki ten fijo maço
El e' ten dor na korason;
Kel alguen ki tem mininu fémia
el e' ten lumi na bariga!¹¹*

Nos conteúdos de carácter familiar mostra os problemas que os pais enfrentam com os filhos. Mostra-nos os problemas que os filhos trazem aos pais.

Todos estes temas, retratam o real do quotidiano rural santiaguense, o nosso dia-a-dia os ensinamentos que os nossos antepassados nos transmitiram de geração em geração. Também encontramos nas *finasons* lições de vida que são importantes, ensinamentos que nos servem de ferramentas para compreensão da nossa cultura. Como por exemplo num dos *finasons* intitulada *finalidadi di ben material*, em que nos mostra que os bens materiais de nada nos servem, pois esses bens só nos acompanham durante a vida. O que tem valor mesmo são as coisas boas que fazemos.

¹¹ Op. citc p. 32.

Finalidadi di ben material

Ter e muto, mas e ka nada:

e ti la na pórtá simitéri:

ta dañi kraki, ragaça la...

So boas obras ki ta subi seu!

*Ka ten ningen ki fla-m m e ka si!*¹²

Este “finason” alerta-nos para algo muito importante da nossa sociedade, que é o a ideia errada de que com o dinheiro tudo podemos alcançar. Este é um problema que ainda vigora na nossa sociedade. Chama-nos atenção para as boas obras pois as coisas mais importantes deste mundo são as boas obras que praticamos e as coisas boas que fazemos.

Ao terminar a análise da obra constatamos que é uma obra de muito valor cultural e rica nas nossas tradições orais. É de realçar que o autor da obra teve uma boa iniciativa em recolher as “finasons” de Maria Inácia Gomes e publicá-las, pois estas servirão para as gerações vindouras que através deste livro conhecerão um pouco da cultura do nosso país e as nossas tradições orais que são muito ricas.

Tomé Varela tem feito um trabalho muito importante na recolha das nossas tradições orais, pois teve o cuidado de registar três das nossas cantadeiras que já morreram.

Segundo João Lopes Filho, “*Tomé Varela teve o cuidado de registar em livro duas ou três das nossas principais cantadeiras que já morreram. Tendo em conta que cada velho é uma biblioteca e são três das nossas bibliotecas que já morreram mas que felizmente Tomé Varela teve o cuidado de regista-las.*” (Entrevista do dia 12 de Setembro)

¹² Op. Cit. p. 38.

Essas nossas cantadeiras contribuíram muito para a promoção das nossas músicas tanto aqui como no exterior, e são Nha Nasia Gomi, Bibinha Cabral, e Nha Gida Mendi.

Ainda Manuel Veiga realça que Tomé Varela “*tem dado um contributo de grande valor, sobretudo para a juventude, mas também para o estudo antropológico da sociedade.*” No entanto pode-se constatar que com esta obra “*finasons di nha Násia Gomi*” teremos a oportunidade de conhecer melhor as nossas músicas principalmente os jovens (como afirma Manuel Veiga), pois com estes registos teremos sempre onde recorrer para beber as nossas raízes.

5 - Contributos das obras de Tomé Varela para a promoção da língua e cultura Cabo-verdianas

Neste capítulo pretende-se dar a conhecer os contributos das obras de Tomé Varela e os seus valores culturais, principalmente a nível da língua, visto que este investigador tem sido o expoente máximo na análise e desenvolvimento da língua e cultura cabo-verdianas. Com isso propomos debruçar-nos sobre quatro obras do autor, não que as outras sejam menos importantes, para destacar os contributos das obras de Tomé Varela para a promoção da cultura e língua cabo-verdianas. As obras que escolhemos para trabalhar são: “*Kontributo pa libertason y disanvolvimento*”; *Na Boka Noti* volume I e III (tradições orais); “*Tenpu di tenpu*” (tradição oral).

As obras deste escritor são de carácter prático, pois são na sua maioria tradições orais que ao longo dos tempos foram passando de geração em geração. Mas também Tomé Varela escreveu poemas como por exemplo a obra “*Na Altar di nha petu*”; escreveu uma obra de carácter ficcional “*Natal y Kontus*”. O conjunto das obras “*Na Boka Noti*” volumes I, II, III, IV, V e VI, estes dois últimos, segundo o autor estão por publicar, são recolhas feitas nas ilhas do Fogo, Santiago, de histórias de lobo, chibinho e tia ganga, histórias de feiticeiras, de Pedro, Palo e Manel entre outras histórias que marcam a nossa cultura a nossa tradição oral.

Segundo Manuel Veiga, as obras de Tomé Varela têm sim contribuído para a preservação da nossa cultura. Para ele Tomé Varela é uma referência em Cabo Verde, principalmente no domínio da preservação e difusão das nossas tradições orais.

Ainda afirma que:

“Sem os seus trabalhos, o manancial e a riqueza tradicional de figuras como Nha Nasia Gomi, Nha Bibinha Cabral, Nha Gida Mendi, ou então a riqueza do imaginário cabo-verdiano moldado nos contos “Na Boka Noti”, estariam hoje desaparecidos ou então reduzidos a uma expressão menos significativa.” (entrevista do dia 30 de Setembro de 2010)

Estas obras “*Na Boka Noti*”, apresentam um leque de histórias que foram recolhidas da boca dos tradicionalistas num período de 12 anos. A pretensão destes trabalhos segundo Tomé Varela é a de divulgar a história das ilhas de Santiago, de São

Vicente, Fogo e Santo Antão. Este livro narra a história de lobo e xibinhu, fitiserâ, ômi ku mudjer, pedru ku palu ku manel.

Esta colectânea “*Na Boka Noti*”, segundo Tomé Varela (1987:7 Cf) para além de conservar e divulgar a nossa literatura oral é também um trabalho que serve para enriquecer a imaginação das nossas crianças e para estimular a curiosidade e potencial para o estudo da nossa realidade sócio cultural. Para Tomé Varela a obra é um contributo para a promoção da nossa cultura, para iluminar e reforçar a consciência nacional do povo para o desenvolvimento, do nosso País. Com estas obras o escritor pretende devolver ao povo o que é dele, ou seja as suas histórias, as suas tradições orais.

É de realçar que o próprio autor justifica a sua escolha pelas tradições orais, pois é uma forma de estar perto do seu povo, e de retribuir os contributos que os mesmos deram para o desenvolvimento e conhecimento das tradições orais. A publicação desta obra veio da iniciativa e atitude de resgatar, conservar e também de divulgar e provocar estudos do mesmo.

Ao falar das obras de Tomé Varela não podíamos deixar de fora uma obra de referência, que é “*Kontributu pa libertason y dizenvolvimentu*”. É um livro de 480 páginas, que acolhe 23 textos (ensaios), das quais dezasseis estão escritas em crioulo e sete em língua portuguesa. São ensaios relacionados com a língua, cultura e religiosidade cabo-verdianas. Estes ensaios foram feitos para seminários, mesas-redondas, colóquios, simpósios.

Este livro foi publicado por ocasião da comemoração dos 30 anos de independência nacional e como o próprio autor diz é uma forma de contribuir para o estudo e a promoção da língua cabo-verdiana, enquanto património cultural. Segundo o autor na palavra libertação está contida a ideia de alienação, por isso propõe o conhecimento e valorização de todo o património cultural cabo-verdiano, e da língua materna em particular, como forma de libertação. Nesta obra o autor trata assuntos que são pertinentes e que nos ajudará a conhecer melhor a nossa língua, a nossa cultura, as nossas tradições orais, trás um leque que questões que são importantes para uma melhor compreensão da nossa cultura e língua.

A obra contém informações importantes sobre alguns personagens da música cabo-verdiana como por exemplo Sérgio Frusoni, Násia Gomi, e Katxas, também na obra encontramos uma personagem muito importante da literatura cabo-verdiana que é Eugénio Tavares.

O livro está dividido em cinco partes. Foi dedicado a Amílcar Cabral pelo seu esforço e dedicação na luta pela independência de Cabo Verde; a todos os combatentes da libertação nacional; à nação cabo-verdiana pelo seu processo contínuo de libertação e desenvolvimento; e por fim a todos os cabo-verdianos que lutam diariamente pela sua própria libertação e progresso que é de certa forma um contributo pessoal pela libertação e desenvolvimento do país. Também retrata nesta obra um aspecto importante que é o conjunto das manifestações culturais e tradicionais da ilha de Santiago como a forma de cumprimentar uns aos outros, como esse ritual é feito entre adultos, entre jovens, entre crianças, entre pessoas desconhecidas, entre afillhados e padrinhos.

Estas formas de cumprimentar uns aos outros são muito importantes. Com o decorrer dos tempos essas formas de cumprimentar foram sendo deixadas para trás e foram-se adquirindo novas maneiras de cumprimento. Se notarmos, as formas de cumprimentar de hoje são diferentes das de antigamente. Com o evoluir dos tempos as coisas vão caindo em desuso, e se tivermos registado essas formas de cumprimentar as gerações que estão por vir irão beber as suas raízes e conhecer um pouco das tradições orais do seu país.

Segundo João Lopes Filho, Tomé Varela contribuiu muito no que tange a cultura imaterial, para ele:

“Não resta dúvidas de que o contributo de Tomé Varela é muito importante. Nos temos uma cultura da tradição oral muito forte, mas infelizmente não estão registados, e é aqui que entra o grande trabalho de Tomé Varela, pois tem sido o pioneiro, aquele que neste momento conseguiu registar vários aspectos da nossa tradição oral. Ele tem um conjunto importante de historias, de provérbios, adivinhas que ao regista-las estarão fora de serem arrastados de desaparecerem, por influencia das modas e das midias.”

(Entrevista no dia 12 de Setembro de 201)

A obra “*Tenpu di Tenpu*” é uma obra de muito valor cultural. É composta por um conjunto de 1168 adivinhas tradicionais de Cabo Verde. Estas adivinhas foram recolhidas em Cabo Verde e em Portugal.

João Lopes Filho, na sua obra *Subsídios para um levantamento cultural* (pag.115) afirma que “as adivinhas são verdadeiros testes de inteligência, colocadas como forma de enigmas que resultam de um processo de associar e comparar objectos, factos ou situações. Algumas denotam certa antiguidade pela maneira como são architectadas. As adivinhas apresentam um fundo humorístico ou uma construção procurando despistar o sentido.

Além de constituir um sistema de ginástica mental, a tentativa de decifração das adivinhas conduz à reflexão e desenvolvimento do espírito interpretativo das crianças, ao mesmo tempo que demonstram o elevado grau de capacidade imaginativo dos criadores desses enigmas.

Essas adivinhas, foram recolhidas em Cabo Verde e Portugal (pelos imigrantes cabo-verdianos) num espaço de doze anos de 1976 a 1988. O nome atribuído ao livro “*Tenpu di Tenpu*” tem uma lógica, tendo em conta que o livro oferece adivinhas que de um certo modo demoraram algum tempo para serem recolhidas e também para serem conhecidas.

A divulgação desses enigmas contribuirá por um lado para o aprofundamento e consciencialização da realidade divulgada e por outro lado para um melhor conhecimento e aprofundamento. Também é um meio de esclarecimento e de melhoramento.

Na obra encontramos um leque de adivinhas, e nelas são tratados variados temas. Elas foram inspiradas em coisas que nos rodeiam, tais como: em pessoas, em alimentos, na troca de favores entre pessoas vizinhas, na agricultura, nos animais.

Agora passamos a citar algumas adivinhas que constam na obra “*Tenpu di tenpu*”, e as suas devidas respostas:

- Lensu azul di orela branku. (Mar);
- Altu e sta, altu e mora, tudu algen ta ojal, mas ni^nun ka ta adora. (Seu);
- Korpu-l pedra, tripa-l po, çapeu di paña. (kasa kubridu di paña);
- Kuatu pe un rabu. (kaçor);
- Aitu ponpolon, şinta na boka kurtinis (plumu di po);
- N entra pa un porta n sai pa tres (kamisa);
- Nten un kural di kabra ku bodeku, na meu des tem un bodeku ta borbodeku (padri na da missa)
- Kusa ma kusa, Deus forma tudu kusa, ten un so ki e ka forma. (si kabesa)
- Anti subi trabesa. (Arku-da-beña)
- Kraki-kraki na pedregal. (Çuba)
- Nobu sima babu larança; beju sima un bola. (lua)
- Piskos di oru, pe di mankoku. (tanbra)
- Nten des rapasinho, tudu dia sedu es ta ba ses kasa; sou n era kamin, tudu ta era. (boton)

As adivinhas fazem parte da nossa tradição oral desde há muitos anos, são formas de fazer com que o povo reflecta sobre as coisas que o rodeiam. É uma forma de os levar a pensar e a testar as suas capacidades de raciocínio. São brincadeiras que tornam interessantes pois ao brincar estaremos a aprender.

Carlos Delgado (2008:38) fala do trabalho que Tomé Varela tem feito para a valorização da cultura e língua cabo-verdianas, afirma que ele “tem contribuído para a preservação e afirmação do crioulo em Cabo Verde, com destaque para a zona de Sotavento. Este autor tem escrito alguns ensaios e algumas obras em crioulo, entre elas *Na boka noti*, trata-se de uma obra emblemática, do ponto de vista social e cultural, pois para além de ser escrita na língua cabo-verdiana retrata aspectos relacionados com a tradição da ilha de Santiago”.

Segundo a entrevistada Ondina Ferreira “*Tomé Varela enquanto homem de cultura fez grandes trabalhos a nível do folclore de Santiago. Pois ao registar as nossas tradições orais não faz mais do que preservá-las.*” (Entrevista do dia 12 de Janeiro)

5.1 - A língua crioula na divulgação das tradições orais cabo-verdianas

A língua é um instrumento de que nos servimos para comunicar, para transmitir os nossos costumes os nossos hábitos e as nossas tradições que são passadas de boca em boca e de geração em geração. É, também, importante para a divulgação das tradições orais, pois muitos elementos literários e não literários como os contos as histórias do nosso povo, chegam até nós via oral. Esses são transmitidas de boca em boca e de geração em geração.

Segundo Manuel Veiga (2003:26) a tradição oral do nosso povo é a referência fundamental na caminhada feita por este mesmo povo desde a noite da escravatura até ao raiar da liberdade e do progresso, ainda em construção. Para ele a língua é um dos elementos que formam a tradição, mas também que é formada por esta mesma tradição. A tradição foi o refúgio principal do crioulo de Cabo Verde dos tempos de triste memória em que era o objecto dos mais diversos anátemas.

Na linha de ideia do autor supra referido, (Op. Cit. p.27) a língua resistiu em vários canais como as fainas, as cantigas de trabalho, as práticas religiosas como as cerimónias de casamento e da morte, o lazer a diversão, a medicina tradicional e a educação informal.

E complementa dizendo que em todas estas práticas a língua utilizada para comunicação, de transmissão ou sensibilização era o crioulo de Cabo Verde”. Pode-se constatar que a língua é um meio importante para a divulgação das nossas tradições orais e é aquela que comunicamos e nos entendemos. Pois ela abrange todas as camadas da sociedade, desde as mais escolarizadas como as menos escolarizadas.

O crioulo de Cabo Verde, longe dos olhares acusadores e no ritmo das tradições que guardava ou veiculava, foi-se afirmando, diversificando e autonomizando. No batuque ou funana, nos contos à “boca da tarde” ou nas cerimónias de “guarda cabeça”, nas vespas a língua veicular era unicamente o crioulo. A língua identifica-nos. Onde

quer que estejamos somos identificados pela nossa língua. Ela é um factor essencial da nossa identidade.

Na perspectiva de Carlos Delgado (2008:76), a “cultura consiste num conjunto de características próprias de uma determinada sociedade. Ela encontra-se directamente implicada em cada sistema linguístico, do ponto de vista social é que a cultura também se define pela língua. Aliás a língua é um meio de afirmação cultural importante em qualquer sociedade. É sem dúvida um factor de identidade e de coesão social em qualquer sociedade”.

Ainda segundo o mesmo autor, “em Cabo verde o crioulo é considerado como sendo a língua que identifica o cabo-verdiano tanto do ponto de vista linguístico como cultural”. E muitos estudiosos consideram-no língua de identidade. É de referir que a língua é talvez um dos elementos culturais mais fortemente relacionados com uma determinada identidade colectiva.

O crioulo é o factor que nos identifica, através dele somos reconhecidos em qualquer sítio. Como afirma Ana Josefa Gomes Cardoso (2005) a língua cabo-verdiana é a língua nacional e materna do povo de Cabo Verde, e é o instrumento fundamental não só da comunicação como também da própria vivência. A língua cabo-verdiana é a marca que permite aos cabo-verdianos reconhecerem-se entre si e também de serem reconhecidas pelos outros povos.

A língua é tida como o reflexo da mentalidade de uma nação. Ela constitui um dos factores mais importantes na determinação da consciência nacional e por conseguinte da unidade e da coesão desta mesma nação. Para ela o crioulo foi uma das maiores formas de resistência do povo cabo-verdiano, na luta pela independência visto que os que lutaram para a libertação (Amílcar Cabral e os seus companheiros de luta), falavam quase sempre em crioulo nas suas reuniões e nos seus convívios.

Ainda na linha da ideia de Ana Josefa, “O crioulo de Cabo Verde tem uma representação de relevo tanto na memória histórica como na memória social e colectiva.

O seu reconhecimento é feito quer na história dos cidadãos, quer na história oficial dos cabo-verdianos.¹³

“Os contos tradicionais são produções colectivas que nascem no meio da sociedade de acordo com as condições socioculturais e económicas que transformam acontecimentos e ocorrências quotidianas em realidade histórica. Relatam acontecimentos e aspectos da vida social e emocional, dando vida às suas personagens fantásticas que falam do casamento, nascimento, do envelhecimento, da morte e que estabelecem contraste entre o bem e o mal, o amor e o ódio, a alegria e a tristeza, a verdade e mentira, a rivalidade e a amizade, a riqueza e pobreza, mas sempre com o objectivo de passar lições de vida”.¹⁴

Ao ver de Dulce Almada Duarte (1998:100/101) “o crioulo cedo se tornou a língua de comunicação em Cabo Verde. Foi inicialmente a língua materna dos escravos e seus descendentes, mas no decorrer dos tempos passou a ser meio de comunicação dos cabo-verdianos. De elemento de resistência cultural à comunidade opressora, ele passou, depois do longo processo de miscigenação cultural operado nas ilhas, a elemento da resistência cultural do cabo-verdiano face ao colonizador. É que a língua crioula é uma das manifestações mais marcantes da identidade cultural do povo”.

Para ela a vida em Cabo Verde decorre em crioulo, e a melhor forma do povo se entender, se expressar, mostrar a sua alegria, a sua dor, os seus anseios, os seus sonhos é na língua crioula. O cabo-verdiano é um povo bastante oral, todas as histórias, os contos, as tradições orais deste povo são oralmente transmitidos. Só alguns anos atrás essas tradições passaram a ser recolhidas e publicadas, para que todos possam ter acesso a estes documentos e servir como suporte de estudo.

Assim todas as sociedades possuem uma língua e uma cultura interdependentes, porque existem laços muito estreitos entre ambas. Sendo um dos mais significativos sistemas socioculturais, a língua recorta a realidade exterior de uma forma diferente

¹³ <http://repositorioaberto.univ-ab.pt/bitstream/10400.2/633/1/LC225.pdf>

¹⁴ <http://repositorioaberto.univ-ab.pt/bitstream/10400.2/633/1/LC225.pdf>

para cada sociedade, pois, organiza de uma maneira muito particular os dados da experiência.

É de realçar que Tomé Varela deu contributos significativos no que diz respeito a nossa língua, pois ao escrever nesta língua esta a afirmar a nossa língua e a torná-la mais conhecida e acessível.

Para Manuel Veiga, *“A língua é o principal suporte, mas também o principal canal de difusão das tradições orais, a contribuição de Tomé Varela a nível da língua foi particularmente na divulgação, na criação literária, mas também na configuração da escrita.”* Ainda realça que *“ao utilizá-la como instrumento de trabalho, como veículo de comunicação e como suporte de criação literária, estará a contribuir para o seu reconhecimento e posteriormente sua oficialização.”*

(Entrevista do dia 30 de Setembro de 2010)

Ao ver de Ondina Ferreira *“Tomé Varela escreve em duas línguas o português e a língua Cabo-verdiana o crioulo, e ele ao fazer isso estará a tornar mais rico os seus trabalhos do ponto de vista linguístico.”*

5.2 - A problemática da oficialização do crioulo

Optamos por abordar a problemática da oficialização do crioulo neste trabalho porque é um assunto muito pertinente pois Tomé Varela sempre teve a preocupação de ver a língua crioula sendo oficializado e transformada em língua de ensino e das instituições. Este autor escreve na maioria dos casos em crioulo e dá muita atenção ao que é do povo, às tradições orais. Quase todas as suas obras foram escritas em crioulo, com o intuito de contribuir para um melhor conhecimento da nossa língua e cultura.

Tomé Varela é um dos grandes defensores da oficialização do crioulo como uma das línguas oficiais de Cabo Verde. Ele defende a oficialização do crioulo, como forma de afirmação da nossa identidade.

Muitos autores têm vindo a falar da oficialização do crioulo cabo-verdiano e das dificuldades que esta mesma oficialização pode trazer, tendo em conta as diferentes variantes que existem em Cabo Verde. A pergunta que surge sempre é qual a variante do crioulo que vai ser oficializada? Tomé Varela defende um maior conhecimento da nossa língua como forma de desalienação.

Para Carlos Delgado (2008:18), a oficialização do crioulo fez com que entrassem na ordem do dia do País dois conceitos importantes:

1º A interdialectação, que do seu ponto de vista tem a ver com as diferenças morfológicas, sintáticas e lexicais existentes nas diferentes ilhas do arquipélago. Numa perspectiva linguística, afirma que pode considerar à luz daquilo que propõe o grupo de padronização da língua cabo-verdiana, interdialectação a utilização de termos ou expressões de determinadas ilhas no alfabeto padronizado.

2º A Interdialectização que está relacionado com as variações existentes dentro de uma mesma região ou ilha do arquipélago. Da mesma forma ela poderá ser considerada, do ponto de vista linguístico, a existência de variações numa determinada

zona linguística (Sotavento e Barlavento). Ou seja neste caso consiste no empréstimo de certos lexemas ou expressões de uma determinada variante ou alfabeto padronizado.

Ao ver de Manuel Veiga (2004:30) a língua cabo-verdiana se divide em quatro períodos ou estações:

1º Esclavagista; 2º Nativista; 3º Crioulista; 4º Universalista

O período *Esclavagista* tem a ver com os primeiros ensaios para a emergência do crioulo a partir da segunda metade do século XV. E nesta fase da história entram os europeus de concreto os portugueses e o grande contingente de escravos provenientes da costa ocidental da África.

Por sua vez o segundo período está relacionado com o sentimento *nativista* e liga-se ao sentido de nação e com ele a afirmação da crioullidade. Esse sentimento nativista foi reforçado nos finais do século XX, com a consequência da entrada em vigor do regime republicano em Portugal em 1910 e também por causa do surgimento de escolas em Cabo Verde sob a égide dos eclesiásticos.

O nativismo é definido como gosto por tudo que é nacional e também como um sentimento de grande hospitalidade em relação aos estrangeiros. Esse período contribuiu para uma nova era em cabo verde no que diz respeito ao crioulo.

O terceiro período que é denominado de *crioulista* tem como referência o movimento claridoso. Foi um período em que a literatura serviu de andaime para a afirmação do crioulo. Essa afirmação deu-se através de publicações temáticas voltadas e orientadas para o arquipélago.

O último período é denominado de *universalista*. Este período relaciona-se com o surgimento e criação de outros movimentos literários que sucederam os claridosos e que contribuíram para reafirmar a cabo-verdianidade através da língua.

Manuel Veiga (1995:23/25) na sua obra *introdução à gramática* fala do estatuto da língua cabo-verdiana. Ele dá muita atenção à questão da oficialização do crioulo. Segundo ele, “sendo crioulo o resultado de uma elaboração, num contexto

plurilinguístico adverso e limitado, o seu estatuto através dos tempos teria que ser fruto de um processo”.

Refere ainda aos séculos XVII e XVIII em que a consolidação do crioulo processou-se sem grandes sobressaltos. Já a partir do século XIX, com a introdução do ensino oficial em Cabo Verde passou a ser objecto de ataques cerrados. Foi somente no século XX que começaram a aparecer um conjunto de escritores e trovadores, e através da pena ou das palavras começaram a defender a causa do crioulo. São escritores como Eugénio Tavares (1916); Napoleão Fernandes (1920); Baltazar Lopes (1957); Jorge Pedro Barbosa (1958); Ovídio Martins (1962); Manuel Veiga (1979); Dulce Almada (1961); Tomé Varela (1980); etc.

Podemos constatar que esses escritores contribuíram para o “fincar os pés no chão” da língua crioula, pois desde sempre estiveram dispostos a defender essa língua. Se é certo que no século XIX o crioulo começou a ser duramente atacado, no século XX foi e é reclamado como suporte principal da cabo-verdianidade. Não se admira, pois, que é neste período também que ascendeu ao estatuto de língua oficial (ao lado do português), não sendo possível que seja uma conquista deste final de século, sê-lo-á, certamente no decorrer do século XXI.

Desde há muito que se vem tentando fazer uma descrição do crioulo. Segundo Manuel Veiga (Op. Cit. p.26) a primeira tentativa, foi um trabalho cujo título é “os dialectos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América” de 1880 do autor português Francisco Adolfo Coelho. O estudo foi feito, no sentido de procurar encontrar correspondências entre o crioulo e o português através da tradução de cartas. Este apresenta observações fonéticas, morfológicas lexicógrafas sobre o crioulo. A primeira tentativa da gramática foi feita por António Paula Brito em 1887, em que propõe fazer um alfabeto harmonizado de cunho fonológico.

Ainda segundo o mesmo autor em cima referido encontramos várias tentativas preconizando a instrumentalização do crioulo, tentativas de autores que passamos a citar: Pedro Cardoso com a sua obra “Noções elementares de gramática – fonética, morfologia e sintaxe” em 1993; Luís Romano em 1970 fez um glossário integrado na obra “Cabo Verde – renascença de uma civilização no atlântico médio”. Também

surgiram obras de cunho científico, mas isso foi só em 1957 com “Dialecto crioulo de Cabo Verde” de Baltazar Lopes da Silva. Em 1961 foi publicada a obra “Cabo Verde contribuição para o estudo do dialecto falado no seu arquipélago” Maria Dulce de Oliveira Almada.

Com a independência do país em 1975 começaria uma nova fase de instrumentalização do crioulo, com a realização do colóquio sobre “A problemática do estudo e da valorização do crioulo, em 1979 de onde surgiria uma proposta de alfabeto de base fonológica. Na sequência Manuel Veiga escreve a obra “diskrison strutural di lingua kabuverdiana” em 1982.

Em 1989 foi criada a Comissão Nacional para a língua Cabo-verdiana, um órgão consultivo do governo, na implementação de políticas visando a defesa e a valorização do crioulo. Neste mesmo ano foi realizada na Praia um Fórum de Alfabetização Bilingue, onde foi apresentado um documento intitulado «Crioulo de Cabo-Verde – esboço de uma gramática», cuja autora é a linguista portuguesa Dulce Pereira.

Apesar de todos esses esforços e todos os caminhos percorridos até aqui não existe ainda um alfabeto oficializado. Mas com vista a oficialização do crioulo foi criada em Novembro de 1993 uma Comissão Nacional para a padronização do alfabeto. Esta apresentou ao governo uma proposta unificada de alfabeto para a escrita do crioulo o ALUPEC.

É de realçar que vários escritores debruçaram sobre o estudo e escrita do crioulo o que tem ajudado muito no seu entendimento e na sua afirmação como língua. Hoje temo, varias obras escritas em crioulo, obras essas literárias e não literárias, como por exemplo as obras: *Natal y Kontus* (ficção) de Tomé Varela; há o primeiro romance em crioulo de Manuel Veiga *Odju d ' agu*. Também há obras de carácter cultural escritas em crioulo como *Finasons di Nha Nasia Gomi*, *Na boka noti*. Todas essas obras contribuem para um melhor conhecimento da língua cabo-verdiana.

Manuel Veiga foi ministro da cultura e como tal sempre defendeu a valorização e o reconhecimento da oficialização do crioulo. E afirma ter ficado insatisfeito a quando da rejeição da proposta por parte do Movimento para a Democracia (MPD oposição).

Adianta ainda que estando ou não no executivo vai continuar a lutar em prol da afirmação do crioulo e da cultura cabo-verdianas.¹⁵

Ainda ao ver de Veiga “*Toda a língua materna de um país, desde que tenha expressão na comunicação, na cultura e ainda na vivência, no ensino, na administração e na comunicação social, é, forçosamente, uma língua oficial. O reconhecimento constitucional é apenas uma medida legislativa. Chegará o dia em que ficaremos perplexos com a atitude inconsciente dos políticos. Esses não são capazes de fazerem a campanha eleitoral numa outra língua que não seja a língua cabo-verdiana (crioulo), entretanto continuam a ter dúvida sobre a real funcionalidade da língua cabo-verdiana. Ainda realça que Precisamos sobretudo da vontade política e também de reforçar o ensino, a investigação e a comunicação, tanto a nível formal como informal, na língua cabo-verdiana.*” (Entrevista do dia 30 de Setembro de 2010)

Para Daniel Spínola “a questão da oficialização do crioulo e do seu ensino é de facto delicada e, até certo ponto, problemática, mas incontestavelmente necessária. Urge oficializar a língua crioula e integrá-la no curriculum escolar para que a nova geração saiba ler e escrever e não considerar como sendo algo estranho e difícil.

Neste momento há uma certa resistência, em utilizar o crioulo como língua oficial o que é normal, porque as pessoas não o estudaram e não o aprenderam, mas é preciso ver que é necessário ensiná-lo e estudá-lo para podermos utilizá-lo, assim como acontece com outras línguas. Não há problema algum em termos o crioulo como língua oficial ao lado do português.¹⁶

Segundo o mesmo autor o único problema na oficialização do crioulo tem a ver com as variantes, e a resistência no estudo da melhor forma de ultrapassar. Mas se repararmos na gramática de Manuel Veiga veremos que as principais variantes faladas em Cabo Verde estão polarizadas pela variante da ilha de Santiago a de Sotavento, e pelas da ilha de São Vicente a de Barlavento. Há que de facto definir a escrita, programar uma forma de ensino que abranja essas variantes de forma a permitir uma

¹⁵ Tirado do site: <http://www.forcv.com/articles/post/2009/11/27/Manuel-Veiga-Rejeicao-da-Proposta-de-Oficializacao-do-Crioulo-Representa-Uma-Derrota-Politica-Para-Aqueles-que-Nao-a-Aprovaram.aspx>.

¹⁶ Tirado do site: <http://dspinola.caboindex.com/manifesto/06.php>

compreensão plena das duas. Todas as línguas possuem variantes dialectais e diferenças várias na sua estrutura de superfície e no seu desempenho quotidiano que tem a ver com as diferenças geográficas e culturais relativas aos seus utentes.

Podemos constatar que se a nossa língua for oficializada torna mais fácil a aprendizagem dos nossos alunos. Tendo em conta que agora a maioria dos escritores estão enveredando para a escrita das suas obras em crioulo, pois com a oficialização do crioulo e o seu ensino nas escolas os alunos terão mais acesso a essas obras e poderão usufruir melhor daquilo que é nosso das nossas tradições orais.

Ainda na linha da ideia de Daniel Spínola neste momento, há uma maior publicação de obras na variante da ilha de Santiago, de entre as quais se destacam as recolhas das tradições orais de Tomé Varela da Silva, que demonstram bem o quão rico é essa variante em termos linguísticos e literários, e há vários escritores escrevendo contos e poemas nessa variante, demonstrando assim a sua maturidade linguística e literária. Para além, é claro, dos excelentes trabalhos de Manuel Veiga, enquanto linguista. E todas essas publicações poderão contribuir enormemente ao curriculum escolar do ensino do crioulo ou da língua cabo-verdiana.¹⁷

Ao ver de Tomé Varela o governo é o culpado porque o próprio deu mote para que a oficialização não acontecesse agora. Segundo o investigador Tomé Varela há algum tempo atrás o próprio primeiro-ministro José Maria Neves afirmara que a oficialização havia de acontecer. Ainda refuta que o executivo não tem sido suficientemente capaz de divulgar o alfabeto cabo-verdiano, junto dos cabo-verdianos com vista a sensibilizá-los e a desmistificar a ideia de que este instrumento de escrita é difícil.

Para este investigador a consequência de todas essas falhas, não será para os políticos, mas para o país, pois realça que o desenvolvimento do próprio irá mancar um pouco enquanto não se oficializar o crioulo. Na sua visão as condições para que a língua crioula seja oficializada já existem há muito tempo e que se podia avançar com o

¹⁷ Tirado do site: <http://dspinola.caboindex.com/manifesto/06.php>

processo. O crioulo de Cabo Verde tem um alfabeto para a escrita muito rico e de fácil domínio.

A oficialização do crioulo tem vindo a trazer muita polémica e muita discussão em seu torno. Esta questão deve ser muito bem estudada e programada de forma a dar resposta às perguntas que surgem, tais como qual a variante que vai ser oficializada. Há sempre um grande problema que faz com que oficialização não aconteça, que é a questão das variantes.

Para ultrapassar estes problemas, alguns autores defendem um processo de normalização dos crioulos de Sotavento em torno da variante de Santiago e outro processo de normalização dos crioulos de Barlavento em torno da variante de São Vicente. Assim sendo, o crioulo tornar-se-ia numa “língua pluricêntrica”.

Apesar do ALUPEC ser o único sistema de escrita oficialmente reconhecido pelo governo de Cabo Verde, a mesma lei permite o uso de outros modelos de escrita, desde que apresentados de forma sistematizada e científica, ou seja que possam ser compreendidas por todos.

Ainda para Tomé Varela *“a oficialização do crioulo já devia ter acontecido desde à muito tempo. Do ponto de vista cultural os nossos políticos estão mais atrasados isto porque se a oficialização da língua crioula já tivesse acontecido estaríamos mais evoluídos, tanto do ponto de vista social como económico... no dia que a nossa língua for oficializada sentiremos uma grande força que será a nossa libertação cultural”*

(Entrevista do dia 22 de Março de 2010)

Podemos constatar que se a língua crioula for oficializada só teríamos a ganhar, pois segundo Manuel Veiga *“o crioulo cabo-verdiano é a língua que melhor molda a nossa identidade, falar esta língua, necessariamente, é uma forma de valorizar não só a nossa cultura, mas também de valorizar o nosso ser e estar no mundo.”*

(Entrevista do dia 30 de Setembro de 2010)

Considerações finais

Este trabalho tem como propósito mostrar e analisar os contributos que Tomé Varela deu e continua a dar para o conhecimento da cultura cabo-verdiana. Nesta óptica foram analisadas obras que serviram de suporte para a comprovação das contribuições que o mesmo tem dado para a promoção, preservação e valorização da cultura cabo-verdiana.

As experiências deste trabalho foram muito importante no processo de aprendizagem e conhecimento da nossa cultura, das tradições orais, das histórias, das adivinhas, pois Tomé Varela fez uma vasta recolha no que tange às tradições orais cabo-verdianas. Através dos seus trabalhos, constatamos uma grande riqueza cultural tanto a nível da língua como das nossas tradições orais.

Cabo Verde é um país em que as tradições orais têm um forte enraizamento no quotidiano das suas populações, apesar disso não existe um inventário desse importantíssimo património imaterial, tem sido o escritor e investigador Tomé Varela quem tem vindo a fazer recolhas destas tradições orais, que andam a circular de boca em boca e de geração em geração. Tem feito trabalhos significativos para a nossa cultura, porque se não houver um registo das nossas tradições orais elas acabam por serem esquecidas no tempo.

As obras de Tomé Varela são de carácter cultural e muito importantes para a compreensão da nossa cultura e língua, pois são obras que nos servem de apoio de pesquisa, são bastante práticas e acessíveis a qualquer um, pois a linguagem utilizada é de fácil acesso. O objectivo deste escritor é sempre fazer com que o povo conheça um pouco das suas raízes. E o que ele faz é sempre direccionado para o povo.

Tomé Varela escreve na maior parte das vezes em crioulo o que demonstra a sua preocupação em valorizar a nossa língua. A maioria das suas obras são recolhas feitas das nossas tradições orais, pois há uma certa inquietação da parte do mesmo em

preservá-las e fazer com que cheguem a todos que conhecem pouco ou não conhecem, de todo, a cultura cabo-verdiana.

Ao longo da realização deste trabalho houve alguma dificuldade em encontrar alguns documentos que abordassem este tema ou que tivessem algumas reflexões sobre as tradições e culturas orais de Cabo Verde, mas isso serviu como desafio para a elaboração desta monografia.

Com as pesquisas feitas, sobre os trabalhos que Tomé Varela tem vindo a fazer no âmbito da divulgação da língua e cultura cabo-verdianas constatamos o seguinte:

1º Ele tem sido o expoente na investigação e divulgação das tradições orais, visto ter recolhido e publicado um leque de obras que contribuíram e continuaram a contribuir para o registo e o enriquecimento da nossa cultura. Como responsável pelo departamento de tradições orais teve a oportunidade de publicar a obra *Finasons di Nha Nasia Gomi* que é uma obra muito rica em conteúdos, pois abarca assuntos pertinentes da nossa sociedade.

Esta obra tem grande valor cultural, pois *Nha Nasia Gomi* é uma grande cantadeira de *Finasons* de Cabo Verde, e registar estes trabalhos é de muita importância, pois, servirá de fonte para os curiosos, estudiosos e amadores da cultura cabo-verdiana.

2º É um dos defensores da língua cabo-verdiana, defende um maior conhecimento da nossa língua e a sua elevação a uma categoria de língua oficial. Os seus trabalhos vêm no sentido de promover a língua e ser o instrumento de estudo da nossa língua. Sendo o Crioulo a língua do quotidiano em Cabo Verde, e elemento essencial da identidade nacional, o desenvolvimento harmonioso do País passa necessariamente pelo desenvolvimento e valorização da língua materna. Porém, esse desenvolvimento e valorização não serão possíveis sem a estandardização da escrita do Crioulo ou seja da Língua Cabo-verdiana. Ora, a estandardização do alfabeto constitui o primeiro passo para a estandardização da escrita.

3º É um dos precursores da valorização do crioulo, pois tem vindo a trabalhar incansavelmente numa longa luta de afirmação da identidade cultural e dignificação da cultura e do homem cabo-verdiano.

4º Por ultimo as suas produções (obras) são a construção da visão da realidade do povo, ou seja o que passa ao seu redor, pois é bastante observador. O seu trabalho consiste em observar atentamente, recolher dados e só depois analisá-las e publicá-las, dando assim ao povo a oportunidade de conhecer melhor as tradições orais do seu país.

Bibliografia

DA SILVA, Baltazar Lopes, “Finason”, *Claridade - revista de arte e letras*, nº 6, São Vicente, Julho 1948.

DELGADO, Carlos Alberto, *O crioulo de Cabo Verde: Situação linguística da zona de barlavento*; Praia, Instituto da biblioteca nacional, 2008.

DUARTE, Dulce Almada, *Bilinguismo ou diglossia?*, *Cabo Verde contribuição para o estudo do dialecto falado no seu arquipélago*, Praia, Splend, 1998.

FERREIRA, Manuel, *A aventura crioula*, Lisboa, Plátano, 1985.

KI-ZERBO, Joseph, *Historia Geral de Africa I, Metologia e pré-historia da Africa*, editora Atica\Unesco, tradução Biatriz Turguett, et all, São Paulo, 1982.

LOPES FILHO, João, *Introdução à Cultura Cabo-Verdiana*, Praia, I.S.E, 2003.

_____, João, *subsídios para um levantamento cultural*, Lisboa, Plátano Editora, s/d.

MARTINET, André, *Elementos de linguística geral*, Paris, Livraria Sá da Costa Editora, 1970.

SAUSSURE, Ferdenan de, *Curso de linguística geral*, publicações Dom Quixote, Lisboa, 7ª edição, 1995.

SEMEDO, Manuel Brito, *A construção da Identidade Nacional*, Praia, editora Instituto da Biblioteca e do livro, 2006.

SILVA, Tomé Varela, *Finasons di Na Nasia Gomi*, tradicoes orais, Praia, Instituto cabo-verdiano do livro, 1985.

_____, *Na bóka noti*, vol.I, tradições orais de Cabo Verde Instituto da biblioteca nacional e do livro, s/l, 1987;

_____, *Na bóka noti*, vol.II, tradições orais de Cabo Verde Instituto da biblioteca nacional e do livro, s/l, 1987;

_____, *Tenpu di tenpu*, «Tradições orais», Praia, Instituto Cabo-verdiano do livro e do disco, 1992.

_____, *Forsa di amor*, publicom, s/l [Praia], 1999.

_____, *(Kon) Tributu (pa libertason y dizanvolvimentu)*, Praia, Dezembro 2005.

TYLOR, Eduardo Burnett, *Primitive Culture*, New York, 1974.

VEIGA, Manuel, *O cabo-verdiano em 45 Lições*, INIC, Praia, Outubro de 2003.

_____, *A construção do bilinguismo*, Instituto da biblioteca nacional e do livro, Praia, 2004.

_____, *Introdução à gramática*, Instituto Cabo-verdiano do livro e do disco e Instituto nacional da cultura, s/l, Julho 1995.

Site-grafia

<http://www.alunosonline.com.br/sociologia/identidade-cultural/>

<http://www.ebah.com.br/culturaantropologica-doc-doc-a6758.html>

<http://dspinola.caboindex.com/manifesto/06.php>

<http://www.forcv.com/articles/post/2009/11/27/>

ANEXOS

Guião de Entrevista

Questionário destinado ao escritor Tomé Varela

Este guião de entrevista é parte integrante da investigação cultural, que tem como título, Contributo de Tomé Varela para a valorização e preservação da cultura Cabo-verdiana, inserido no programa de monografia – Estudos Cabo-verdianos e Portugueses, da UNI-CV.

O objectivo é recolher a opinião das personalidades da cultura e da língua cabo-verdiana, em relação ao tema.

Por isso, agradecemos que responda com sinceridade a todas as questões formuladas, tendo em consideração que todas as respostas serão utilizadas apenas para fins académicos, salvaguardando a confidencialidade das mesmas.

– Informações

- Nome: _____
- Profissão: _____
- Instituição onde trabalha: _____

- 1- Fale um pouco da sua vida. Em que área se formou? Quando começou a escrever?
- 2- Qual foi a sua primeira obra? Com que objectivo escreveu essa obra.
- 3- Como nasceu a sua primeira obra?
- 4- Porque escreve em crioulo?
- 5- O que pretende quando escreve em crioulo?
- 6- Será que escrever em crioulo é uma forma de afirmação da sua identidade?

- 7- O que acha da oficialização do crioulo?
- 8- Escrever em crioulo é uma forma de ajudar na sua oficialização?
- 9- A língua crioula tem requisitos para ser ensinada na escola?
- 10- Qual o papel das suas obras?
- 11- Acha que o registo das tradições orais é uma forma de divulgar a nossa cultura?
- 12- Qual a sua opinião sobre a divulgação da nossa cultura, como está a ser divulgada?
- 13- O que pode ser feito para que a nossa cultura seja mais conhecida?
- 14- Acha que as suas obras são bem recebidas pelos leitores?
- 15- Como caracteriza a cultura cabo-verdiana?
- 16- Quantos livros já publicou?
- 17- O que se deve fazer para preservar a nossa cultura?
- 18- Com que objectivo escreveu a obra “Finasons di Nha Nasia Gomi”?
- 19- Quais os conteúdos temáticos desta obra?
- 20- Fale-me um pouco desta obra. Como caracteriza Nha Nasia Gomi? Considera-a como o protótipo da mulher santiaguense?

Guião de Entrevista

Este guião de entrevista é parte integrante da investigação cultural, que tem como título, Contributo de Tomé Varela para a valorização e preservação da cultura Cabo-verdiana, inserido no programa de monografia – Estudos Cabo-verdianos e Portugueses, da UNI-CV.

O objectivo é recolher a opinião das personalidades da cultura e da língua cabo-verdiana, em relação ao tema.

Por isso, agradecemos que responda com sinceridade a todas as questões formuladas, tendo em consideração que todas as respostas serão utilizadas apenas para fins académicos.

- 1- Como define a cultura, tradições orais, finason, e língua?
- 2- O que acha do trabalho que Tomé Varela tem vindo a desenvolver no âmbito da cultura cabo-verdiana?
- 3- Acha que as obras que Tomé Varela tem vindo a escrever estão a ajudar para a preservação e valorização da cultura Cabo-verdiana?
- 4- Na sua opinião escrever em crioulo é uma forma de dar mais valor a língua e cultura cabo-verdiana?
- 5- O que acha das recolhas que Tomé Varela tem feito sobre as tradições orais, essas recolhas tem ajudado a preservar as nossas tradições orais?
- 6- Acha que escrever em crioulo é uma forma de afirmação e preservação da identidade cultural cabo-verdiana?
- 7- Quais os contributos que Tomé Varela tem dado para a língua e cultura cabo-verdiana?

- 8- Qual o papel da língua na divulgação das tradições orais?

- 9- Em relação a oficialização da língua cabo-verdiana quais os esforços que Tomé Varela tem feito para que ela seja oficializada?